

## ALEGRIA BREVE

por Maria Joaquina Nobre Júlio

A leitura deste último romance de Vergílio Ferreira deixa-nos uma total impressão de despojamento. Nele, o circunstancial está reduzido ao mínimo, necessário tão só como pretexto, ou com o seu valor de exemplo.

A acção passa-se numa aldeia geograficamente não localizada, simbolicamente situada entre altas montanhas que a fecham em redor (a única referência topográfica que encontramos é uma vaga referência a Coimbra que, notada só na segunda leitura, não deixou de nos surpreender), e num tempo limite, em que passado, presente e futuro como que deixam de o ser, para se interceptarem numa única linha de convergência, num ponto fulcral donde tudo parte e onde tudo reflui. A sequência desenvolve-se em vários planos temporais – um presente, o tempo em que o narrador recorda o que aconteceu e o escreve por uma necessidade de escrever, um passado próximo, o tempo dos acontecimentos cruciais do romance, e um longínquo, em que tudo se prepara já: “A minha biografia começa aqui – na rampa. Nasci a 28 de Janeiro de 19..., às três da tarde de uma sexta-feira”, e ainda um vago futuro que nunca chegará a realizar-se, o tempo da esperança frustrada. “Como não vir o meu filho? Virá um dia”.

Como vemos, *Alegria Breve* não cabe nas categorias tradicionais de espaço e de tempo. Também os acontecimentos narrados parecem ter uma função de pretexto, ocasião para se pôr em equação uma problemática com que, aliás, outros romances de Vergílio Ferreira já nos familiarizaram.

Por detrás da crise de valores provocada pela tecnização demasiado rápida da aldeia sem o concomitante progresso espiritual, por detrás da questão do abandono da aldeia pela gente válida que a deixa entregue aos velhos condenados a uma morte que não pode tardar – Jaime Faria, o único sobrevivente, mais ainda, o único homem sobre a Terra, vive os seus próprios problemas: qual o sentido da vida e da morte?, pode a acção pela acção justificar uma existência?, Deus existe e a alma é imortal, ou os deuses morreram inúteis, e o homem poderá assim, construir sozinho um universo habitável para si e para os seus, liberto dum suposto paternalismo que supostamente o diminuía? “Deus dorme enfim, André. E já era tempo. Já é tempo de cuidarmos de nós. Ah, a infância acabou, e as fraldas mudadas, e o darem-nos de comer pela mão. Sol claro como um ferro em brasa”. Era preciso esvaziar o mundo de tudo o que atrancava, reduzi-lo ao nada inicial, à pureza original reconquistada para, a partir desse nada, a vida ser inventada desde o início, num recomeço absoluto. É essa visão dum mundo despojado, nu, que Vergílio Ferreira nos dá em *Alegria Breve*, na visão de aldeia deserta, da montanha deserta, do horizonte de neve e de silêncio. Visão esquemática de *esqueletos de casas, janelas vazadas, portas desmanteladas, sobre a neve que ri, de casas vazias, ruas longas, silêncio branco. Planificado, igual, tudo*, de que a música fria e linear de *Esquemas* é símbolo.

E aqui tocamos no que nos parece ser a dimensão principal deste romance.

Dizíamos que em *Alegria Breve* o circunstancial está reduzido ao mínimo. Serve ao autor de ocasião para pôr problemas, funcionando como pretexto.

E na medida em que o circunstancial não interessa em si mesmo, em que o autor não teria querido contar uma história interessante como tal, mas sim servir-se desse circunstancial como valor exemplar, nessa medida parece-nos que o romance ganha um outro sentido, toma uma nova dimensão. *Alegria Breve* é, quanto a nós, um romance simbólico. Se os acontecimentos narrados não interessam em si mesmos, mas são pretexto para algo de diferente, para apresentação duma problemática nascida da crise de valores que tudo põe em equação, então há que tentar ver para além do imediato, do acidental, do que é, segundo o próprio herói do romance, *um acidente particularíssimo*.

É verdade que Jaime Faria, colocado em face dos acontecimentos como participante e intérprete, vai procurar soluções para o que se passa em si e fora de si. E a primeira solução adoptada é a da acção militante em favor dos operários das minas e da população ameaçada. Por momentos se convenceu que agir *era a forma de realizar a vida imediatamente por descompressão*, e para lá do caso particular que era o da aldeia, pressentiu-se batido *pelo grande “vento” da História*, pretendendo que a acção fosse forma justificativa da vida. Mas o desencantamento não tarda, e ele o reconhece e exprime da forma dramática.

“... Porque, realizada toda a tarefa, um desencanto indizível me esgotava em triste indizível e uma outra tarefa me chamava onde? Para quê? Que vais fazer depois de realizares todas as tarefas? Acaso a paz virá ter contigo ao fim de tudo, ao fim? e era lógico que me chamasse, porque uma voz absoluta falava não ali na aldeia *que era um acidente particularíssimo*, mas do lado de lá dos horizontes”.

Reconhecida, pois, a insuficiência da acção para lhe dar sentido à existência, Jaime Faria vai procurá-lo no erotismo mais extremo, que toca os limites de profanação do sagrado, e essa solução é apresentada na pessoa de Vanda, ou melhor, no seu corpo, porque a pessoa fica ausente das relações entre eles.

Nas cenas dos encontros, a narração ganha um relevo, uma densidade tais que tudo parece suspender-se, na expectativa de uma qualquer revelação próxima. Porque então sobretudo o homem parece sentir-se deus, senhor da vida e da morte. Mas, é lícito perguntarmos: finalmente o que fica? A resposta não parece poder ser outra: “Vanda emudece, fulminada de desamparo, aperta-me súbita a mão numa crispação violenta”; quando se erigem ao absoluto, o homem sente então mais que nunca o vazio da existência, a solidão e o abandono totais. Enquanto a tentativa falhada de explicação da vida pelo amor carnal é trazida por Vanda, *a dos olhos diabólicos, a intensíssima, Ema, a louca*, a misteriosa Ema parece trazer a explicação pelo espírito, por *um absoluto inominável* que, no fundo, não soluciona nada também (O teu “espírito” não me diz nada, Ema. Se eu morrer, nada o diz – de que é que serve? - a aldeia morrerá comigo. Bem sei: há a promessa das esferas e do seu espaço para mim logo depois. Não a entendo). Dissemos que *Alegria Breve* é um romance simbólico. Teríamos que invocar aqui quase todo o romance. Onde nos parece que essa dimensão está mais acentuadamente presente é nas sugestões de certas cenas, ou antes, de certos ambientes e interpretações de cenas. Que sentido tem o jogo de xadrez prosseguido em várias sessões ao longo de todo o romance, e como que nunca interrompido? Padre Marques e J. Faria retomam-no de cada vez com a unção religiosa de quem cumpre *um ritual antiquíssimo*. O jogo não parece ser a própria imagem da vida humana fracassada? “Perco sempre” (...) às vezes penso: ganhar uma vez e não jogar mais.

Esqueceria as derrotas; a memória do homem é curta. E, no entanto... Começo a sentir-me bem, perdendo. Quer dizer: começo a não sentir-me mal”.

E o simbolismo da música dos 4 elementos, de que um ateu devia fazer o seu hino?.

Retrospectivamente de Gaston Bachelard a Empédocles de Agrigento se tem querido interpretar a totalidade do real pela síntese dos elementos – água, terra, fogo e ar. Também em *Alegria Breve* os 4 elementos simbolizam a “totalidade da vida, para além de nós, desde o halo inicial...”.

Totalidade que se procura por uma necessidade intrínseca de explicação, de síntese; no fundo, de substituição de um absoluto por um outro absoluto. A escolha precisamente do disco *Os 4 elementos* ouvido na Igreja em ruínas e estilhaçado contra as pedras, e do outro, *Esquemas* (Música geometrizada, *frígida linearidade*) a ecoar sobre a aldeia coberta de silêncio e de neve, e também esse quebrado por inútil, parece simbolizar o absurdo dum mundo onde não há lugar para o homem.

No seguimento desta meditação de Jaime Faria, o valor da vida é atribuído a um

conhecimento existencial de que é intermediário o corpo. “Não seria uma pena não ter nascido? Ficava sem saber. Dirás tu: de que te serve, se amanhã já não sabes? É certo. Mas agora sei”. Esta valorização do corpo, e portanto em certa medida, valorização do homem (reconciliado, enfim, com a vida? - não chegamos a sabê-lo) parece ser um dos aspectos principais do romance, em que o autor significativamente nos introduz com uma frase de *Antígona*: “Há muitas coisas espantosas, mas nada há mais espantoso do que o homem”. Fazendo-se eco desta afirmação do trágico grego, J. Faria dirá: “Há um homem sobre a terra, eu. É um animal incrível”.

Há em *Alegria Breve* um apelo constante de absoluto, *Deus ou o seu aceno* faz-se sentir no mais fundo do ser; mas esse apelo não tem eco no homem que só encontra respostas feitas, verdades axiomáticas, ele que se procura em autenticidade. Morto Deus, o mundo reduzido ao início limpo, o homem vai procurar organizar sozinho a sua existência.

Consegue-o? Do princípio ao fim do romance nos confrontamos com a luta entre duas atitudes opostas, que é, no fundo, a trágica dialéctica da nossa condição de homens: a uma esperança eufórica nas capacidades do homem, de que o corpo parece ser a expressão mais acabada, “o meu filho instalará a sua divindade em todo o reino de todos os deuses mortos”, sucede um desalento, um cansaço profundo: “Dorme. Amanhã é um dia novo”. Assim termina o romance. Sem querermos ser pessimistas, parece-nos, no entanto, que o que dele sobretudo se desprende, apesar da crença no homem, esse *animal incrível*, é um sentimento de desalento, de desistência que a última prece não chega para atenuar. Longe de nós a intenção de fazer apologética; mas parece-nos que, morta a esperança num absoluto que nos transcenda, não fica mais do que uma imagem da vida como um ciclo fechado que, aliás, Vergílio Ferreira atribui ao seu herói, o único sobrevivente (até quando?) num mundo de mortos.

(Em *Perspectivos* n.º 19/20, 1966)